

II - Início das atividades profissionais

Agora mais do que nunca, D. Dica criaria condições para que todos os “meninos” estudassem. E a infância de Edilson, em Fortaleza, iniciava-se com algumas mudanças, novas perspectivas para os estudos. Naquele lar havia os ingredientes básicos para que ele pudesse mais tarde alçar vôos mais altos. Em sua casa existia muita compreensão e amor; ele, como filho mais velho recebera muita atenção de seus pais e, além disto, herdara de sua mãe o gosto pelos livros.

Se por um lado a escassez de recursos representava um forte fator de dificuldade para formação escolar dos filhos, por outro, transmitira à sua família, e, em particular, à D. Dica, a certeza de que, se não houvesse muito trabalho e muito sacrifício, o grande plano de promover o acesso sócio-econômico da família e estudo não seria exequível. Os recursos diminutos, não davam para custear simultaneamente os estudos de todos os filhos : Edilson (o mais velho) Rubens, Nyrvando, Eliezer, Afrânio, posteriormente nasceram, em Fortaleza, ainda Zenilda, Kleber, Wilton, Narcélio e Dráulio.

Como solução imediata, meu avô Jader vislumbrou a hipótese de os dois mais velhos deixarem o estudo e começar a trabalhar para reforçar o magro orçamento doméstico, Transmite sua intenção à esposa. A pequena mulherzinha se transfigura, cresce em defesa dos filhos, enfrentando o marido com muita coragem, com uma solução na mão:

- Jader, o Edilson, o mais aplicado nos estudos só trabalha a partir do ano que vem. O Rubens, mais alto e forte, pode começar agora. E eu, além das aulas, dos afazeres domésticos, posso trabalhar à noite, costurando para fora, quando os menores estiverem dormindo.

Conhecendo bem o temperamento e o gosto pelo estudo de cada filho, D. Dica vislumbrou uma estratégia para educar todos.

Edilson, por ser o mais velho, o mais responsável e o mais estudioso, seria preservado inicialmente do trabalho, podendo assim dedicar-se aos estudos integralmente. Estaria destinado a desempenhar um importante papel. Tornar-se-ia a alavanca propulsora para os irmãos mais moços no futuro. Instantes difíceis para ela, naquele momento em que privilegiaria o filho mais velho em detrimento dos demais. Por não vislumbrar outra alternativa, ela não hesitou em seguir a solução que preconizara.

Edilson, no entanto, sentindo a enorme responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros, procurava cumprir da melhor maneira o seu papel. Nunca pôde desfrutar dos prazeres de uma criança comum, com brinquedos, futebol ou bola de gude. O tempo apresenta-se muito curto para recuperar-se da má qualidade do ensino no interior e poder aspirar a um lugar no Liceu do Ceará.

Tinha consciência de sua inferioridade em relação aos demais candidatos ao Exame de Admissão do Liceu. Em vez de desanimar, sempre estimulado e ajudado por D. Dica, estudava, Sua vida sempre teve duas constantes: o esforço e a preocupação de bem administrar o tempo. Olhando para os irmãos pensava: "Tenho que passar, sou a esperança deles".

Este sentido de responsabilidade haveria de acompanhá-lo para sempre. Por certo essa quadra de sua vida representou um papel de suma importância para a criação de sua filosofia de vida.

Seguramente a partir dessa idade, 11 anos, os princípios definitivos que norteariam sua vida passaram a ser delineados. Nascia ali o espartano que o acompanharia para sempre.

O dia do Exame de Admissão aproxima-se e o candidato Edilson redobrava seus esforços. A família toda acompanhava o seu estudo noite adentro, acordando no dia seguinte, já de madrugada. D. Dica, dentro das possibilidades, o animava, revia os pontos com ele, melhorava sua comida. E haja ditados, problemas, frações, dízimas periódicas e os pontos de gramática.

"Por que não lhe haviam ensinado tudo isto antes?"

O tempo não seria suficiente. Não se sentia capaz de aprender aquele volume todo de matéria em prazo tão escasso. A partir daí, ele entenderia e colocaria em prática, no futuro, a importância de uma boa base escolar para que os alunos tivessem um bom desempenho. Finalmente chegou o grande dia.

Religiosa, presbiteriana por convicção, antes do filho sair de casa, D. Dica fez uma oração, pedindo a Deus que lhe desse tranqüilidade durante o exame.

Resoluto, Edilson parte para as provas: Português (era o seu forte), Aritmética (aprendera sem base e de uma só vez, era seu maior receio), Geografia, História e Ciências. Prova após prova novas emoções, surpresas e dificuldades. Todo dia um desafio diferente. Empenhava-se a fundo, concentrava-se, vencida cada obstáculo. Relia cuidadosamente toda a prova antes de entregá-la.

Família grande, com muitos outros tios, também com famílias numerosas, todos reuniam-se à noite em casa do meu avô Jader. O assunto que despertava o maior interesse era o exame do Edilson. Conseguiria passar?

Após as provas, intensa expectativa; em algumas havia ido bem, noutras uma tremenda incerteza. A angustiante espera da publicação da relação dos aprovados. Os dias se arrastam, sem nenhuma pressa: "E se não houvesse sido aprovado, que faria?" Estes pensamentos povoavam a cabeça do jovem Edilson.

Finalmente sai o resultado. Conseguira a aprovação, no entanto, em um dos últimos lugares.

Para ele aquela má colocação representou, na realidade, um belo resultado, face às dificuldades que superara. Podia considerar-se, de fato, e de direito, um aluno do Liceu do Ceará! Agora sim, com um pouco mais de tempo e tranquilidade poderia estudar e disputar as notas em igualdade de condições com seus colegas. Seu status melhorara bastante, aos poucos pertencia ao passado a figura daquele garoto tímido do interior, usar a farda do Liceu dava-lhe um certo prestígio na família e até com as garotas da vizinhança

Transformara-se num bom aluno e agora no Liceu, nos intervalos de aula, dava explicações aos colegas. Após as aulas, os alunos de séries inferiores procuravam-no pedindo-lhe para resolver problemas. Tornou-se conhecido pela facilidade de explicar.

O "professor" começa a manifestar-se, projetando-se, inconscientemente, de dentro dele.

Surge-lhe a idéia de ganhar algum dinheiro ensinando. Tinha então 14 anos. Começa a dar aulas particulares em casa. No início 2 alunos, no mês seguinte, 8, um pouco mais 15 e logo chegou a 30. Aos 15 anos, concluiu o Curso Ginásial do Liceu.

De origem evangélica e sempre muito ativo nos trabalhos da igreja, foi fácil conseguir com o pastor Rev. Natanael Cortez, uma sala anexa à Igreja que, nos dias de semana, permanecia fechada. Assim, pôde expandir o seu curso particular. Funcionava na Rua do Rosário, 77 e foi a forma que meu pai encontrou para suplementar o orçamento doméstico.

Pouco ou nada lhe sobrava. O que recebia era aplicado com toda parcimônia e sabedoria por sua mãe, D. Dica, na educação dos demais filhos. Logo se espalhou pela cidade que os alunos preparados pelo professor Edilson não só obtinham a aprovação nos dois mais tradicionais estabelecimentos oficiais de Fortaleza, como conquistavam sempre os primeiros lugares.

O Liceu e a Escola Normal desempenhavam um importante papel social para as famílias pobres de Fortaleza e cidades próximas. Quase sempre, as famílias menos favorecidas possuíam muitos filhos e o ensino fugia do alcance de suas possibilidades financeiras. Desta forma, os pais de família, num grande sacrifício, conseguiam que seus filhos fizessem o Curso Primário, matriculavam-nos no "cursinho" do professor Edilson e por esse caminho conseguiam chegar ao Curso Ginásial, ao Científico, gratuitos, que contavam com os melhores professores da cidade.

O "cursinho" do professor Edilson não havia encontrado, obviamente, nenhuma fórmula mágica. Exigia demais dos alunos em concursos de ditados, cópias e problemas. A carga de trabalho, por vezes, parecia insuportável. Esforço esse atenuado pela forma suave e divertida adotada pelo professor Edilson, numa época em que a "escola, de risonha e franca" não tinha nada. O professor inovava. Premiava os melhores, incentivava a todos e exigia rigorosamente dos mais fracos.

Sabia como motivar os jovens, infundia-lhes confiança, acompanhava, pessoalmente, os seus alunos, nos dias dos exames, ao Liceu e à Escola Normal. Imaginou processos mnemônicos para os que tinham grande dificuldade para aprender. Para ensinar os problemas envolvendo frações, criou um processo infalível.

Por exemplo: "se você tem o todo e quer obter a fração, multiplique, isto é, t.f.m. - (todo feijão mata), se você tem a fração e quer obter o todo, divida f.t.d. (feijão todo dia)... É claro que este "método" pouco tinha de técnica didática avançada, mas, em compensação, ano após ano os

resultados dos alunos do professor Edilson melhoravam. Todos aprendiam. Até mesmo para os menos dotados inventava métodos.

Lauro de Oliveira Lima, um dos mais notáveis educadores brasileiros, só acreditava, até os dias de hoje, em dois métodos eficientes de ensino: Pedagogia Moderna muito avançada ou a pedagogia do Edilson.

Com o avanço profissional, sua vida também melhorava, tinha sempre suas namoradas (era um segmento que destoava de sua seriedade). Sempre namorou muito. E começou a sonhar. O jovem professor, já mais tranqüilo financeiramente, com todos os irmãos estudando, podia até começar a pensar no futuro. E quis ser médico, passou a acalentar este sonho com todas as forças do adolescente seguro e confiante em que se transformara.

No entanto esta opção parecia-lhe difícil, muito difícil. O que ele ganhava dava apenas para sobreviver e manter o estudo dos irmãos mais novos. Crescia-se a isto o fato de Fortaleza não ter ainda Faculdade de Medicina e a mais próxima localizar-se em Salvador, Bahia. Como ir para lá? Despesas de passagem, hospedagem, alimentação, roupas, remédios, tudo necessário para a sobrevivência?...

Além dessas considerações, pensava ainda na falta que fazia em casa. Por sua maneira de ser, desempenhava o papel de verdadeiro chefe de família, dando recursos para a casa, orientando os irmãos mais próximos na idade, disciplinando os mais moços. Sua imagem era de tal forma respeitada em casa, que até seu próprio pai só fumava escondido dele.

Os irmãos menores passavam o dia envolvidos numa "pelada" interminável de "bola de meia". Quando eles viam o professor Edilson, ao longe, corriam para casa para fingir que estudavam. Houve até um episódio muito engraçado em que, numa dessas "incertas", os irmãos correram e um deles, o Narcélio, um vigoroso beque central, rapidamente sentou-se em uma cadeira, ainda todo suado da "pelada", e finge estar estudando.

Meu pai, que percebera a "manobra", chega calmamente e pergunta:

- Então Narcélio, como vão os estudos?

- Bem, muito bem. Estou agora fazendo uma revisão de Geografia, as provas estão próximas - respondeu, ainda com a respiração ofegante.

- Meus parabéns, Narcélio. Se você realmente quiser tirar boa nota na prova, vire o seu livro, porque ele está de cabeça para baixo...

Apresentava assim uma de suas facetas, um falso duro com algumas "tiradas" bem-humoradas.

Os dias iam passando, ele com a idéia, agora já transformada em obsessão: "Quero ser médico. Tenho que descobrir como". Sua fama de um rapaz esforçado já corria a cidade. Sobre ele falavam seus professores, pais de alunos, ex-alunos. Sua vontade de ser médico ia transpondo barreiras e aos poucos todos sabiam.

Um dia surge um homem - para os padrões da época era considerado rico, amigo da família, o Dr. Antônio Felício Ribeiro, Presbítero da Igreja - que o interroga:

- Soube, Edilson, que você gostaria de abraçar a Medicina como profissão?

- Claro, Dr. Antônio, mas não sei como...

- Pois eu sei, Edilson. Não tenho filhos, encontro-me numa situação financeira razoável, posso emprestar-lhe a quantia necessária para os seus estudos. Tenho certeza de que você será um bom médico, depois você me paga com o resultado de seu trabalho. Quem sabe, até cuidando da minha saúde?

Os olhos do jovem estudante brilhavam de contentamento. Mais uma vez o seu sonho ia tornar-se realidade.

- Dr. Antônio, se o Sr. fizer isto por mim, não vai se arrepender.

Voltou para casa com uma alegria infinita, agora sim, estudaria o dobro, o triplo, nada de namoros, daria as aulas para seus alunos e voltaria aos tempos espartanos em que se preparou para o Exame de Admissão no Liceu.

- “Vou ser médico”, dizia para si mesmo várias vezes ao dia; já planejava qual seria a sua especialização. Precisava arranjar bons empregos para pagar logo ao Dr. Antônio. Ser-lhe-ia grato o resto da vida. E se algum dia ele precisasse dele, faria o impossível para atendê-lo.

Aconteceu, então, um duro golpe que desfez para sempre seu sonho dourado de ser médico. Faleceu o Dr. Antônio Felício Ribeiro e, com sua morte, partiu para bem longe sua fantasia colorida. Precisava aos poucos conformar-se com a nova realidade. Médico, nunca mais.

Foram dias longos e difíceis. E agora? Ensinou-me, com propriedade o saudoso acadêmico e meu dileto amigo, Odilo Costa Filho, ao perder o seu rebento mais velho: “ Toda dor que não constrói é absurda ”.

Edilson mostrou mais uma vez sua inquebrantável força de vontade. Nos salões da Igreja Presbiteriana já não cabiam seus alunos. Em vez do médico, seria professor, não faria vestibular de Medicina, cursaria a Faculdade de Direito, a única existente em Fortaleza. E mãos à obra. Seu tempo era por demais precioso para perdê-lo com lamentações inócuas.

Já estava na hora de criar seu próprio colégio. Em 7 de setembro de 1935 fundou o Instituto Erasmo Braga, embrião do futuro Ginásio. Bacharelou-se, cursando a Faculdade de Direito do Ceará, de 1931 a 1935. Com o crescimento do Educandário teve de mudar de sede, passando os anos de 1937 e 1938 na Avenida Joaquim Távora, 1617. Em 1936, obteve o título de Doutor em Direito. defendendo uma tese em que já conciliava seus conhecimentos de Direito com sua experiência profissional de professor. Seu trabalho, muito elogiado à época, intitulava-se "Idéias Modernas sobre Menores Abandonados e Delinquentes".

Sempre demonstrara uma forte preocupação com a infância. Dizia com frequência:

- As autoridades nem sempre se lembram de que os destinos do País de amanhã serão dirigidos pelas crianças de hoje. Senão, liberariam mais verbas para a saúde e alimentação das futuras mães e seus filhos. Uma infância bem estruturada em termos de alimentação, saúde e educação, funciona como um eficiente seguro para o futuro do País.

Deus, com toda sua onisciência, criou um mecanismo de proteção ao homem, nunca se sabe se algo que se deixou de fazer teria sido melhor ou não. E a vida do professor Edilson não fugiu a esta regra. Identificou-se de tal forma com o magistério que, anos depois em uma entrevista, ao ser interrogado por um jornalista, sobre qual a profissão que escolheria, se por acaso não tivesse sido professor, não titubeou:

- Meu jovem, se eu não tivesse tido a felicidade de ser professor, gostaria de ser professor.

O Instituto Erasmo Braga - merecida homenagem a um grande educador - ia de vento em popa, mas não gostava do nome. Melhor seria mudá-lo para uma data nacional, ficando em grande dúvida: 7 de setembro ou 15 de novembro? Acabou optando por 7 de setembro, a data maior da sua, da nossa Pátria. E foi assim que o Instituto Erasmo Braga transformou-se em Ginásio 7 de Setembro.

Viveu uma fase de grandes incertezas. Tornava-se necessário que o Ministério da Educação, através de uma comissão especial de professores, todos da então Capital da República, o Rio de Janeiro, fizesse a inspeção e examinasse se o Ginásio apresentava condições de ser reconhecido. Nessa ocasião o 7 de Setembro já funcionava na Rua Floriano Peixoto, 875, no Palacete Adalberto Studart.



Dr. Edilson Brasil Soárez por ocasião de sua formatura em Bacharel em Direito na Faculdade de Direito do Ceará.

Eram necessários laboratórios de Física, Química e Ciências Naturais, todos com equipamentos caros. Com muito sacrifício, aos poucos, o Ginásio 7 de Setembro foi adquirindo tudo que precisava, e finalmente em 1939 obteve aprovação, tendo sido registrado no MEC - Ministério da Educação e Cultura.

O Colégio, pelo fato de o Dr. Edilson ser protestante; teve algumas dificuldades com a Igreja Católica. Chegou a haver a insinuação gratuita de que o Colégio ministrava aulas de religião presbiteriana. No entanto, o tempo e as atitudes profissionais do professor Edilson, em relação aos demais colégios católicos de Fortaleza, foram suficientes para demonstrar ao clero que ele, embora protestante, limitava-se apenas ao ensino das matérias curriculares e atividades cívicas e esportivas.

Um professor dedicado, de corpo e alma, ao magistério. Ao longo de sua vida fez sólidas amizades com padres e freiras que dirigiam estabelecimentos de ensino católicos em Fortaleza. Em 1946 o Ginásio 7 de Setembro transferiu a sua sede para o Palacete Inácio Parente na Avenida do Imperador, 1330. Com muito esforço, fé em Deus e com a compreensão de seu ex-aluno Inácio Parente Filho, proprietário do imóvel onde funcionava o 7 de Setembro, pôde o Dr. Edilson, em 1971, comprar o prédio.

Nessa oportunidade o Ginásio contava com cerca de 1.500 alunos, em 39 turmas, sendo 2 turmas de Jardim da Infância, 20 do Curso Primário, 15 do Curso Ginásial e uma do Primeiro Básico. A partir desse ano passou a ter também o 2o. Grau, antigo Científico.

No importante momento em que o Ginásio foi promovido a Colégio sua direção era composta de: Diretor - Édilson Brasil Soárez; Diretora do Departamento Feminino - Nila Gomes de Soárez; Diretor Administrativo - Juarez Modesto Brasil e Vice Diretores - José Chaves de Assis e Helder Fernandes Martins.